

Julho 73

informação

associativa

SUPLEMENTO

A POLÍCIA ATIRA A MATAR SOBRE UMA CONCENTRAÇÃO DE

Há já 3 anos que se arrastavam as negociações do Acordo Colectivo de Trabalho dos trabalhadores da TAP.

A administração recusava-se sistematicamente a aceitar a proposta do sindicato alegando que não tinha dinheiro.

Segundo os trâmites corporativos a decisão final deveria caber a uma comissão arbitral para onde vai o Acordo Colectivo de Trabalho.

Na 4ª feira, dia 11, estava convocada para a Voz do Operário uma reunião para discutirem a actual situação do Acordo Colectivo.

Face ao impedimento de a realizar, os trabalhadores concentraram-se na Graça.

A polícia de choque investe sobre eles e consegue prender Magalhães e Silva funcionário da TAP. Circula então a palavra de ordem de ida para o aeroporto, a fim de se realizar ali um comício de formação.

Chegados ao aeroporto, os trabalhadores partiram alguns vidros, como protesto. Estando nas instalações do aeroporto 500 emigrantes e suas famílias e perante o cerco que a polícia de choque lhes tinha já feito, os trabalhadores presentes, prevendo a possibilidade da actuação policial implicar num massacre, dispersaram.

No dia seguinte, 5ª feira, encontravam-se 16 carrinhas cheias de "choques" nas instalações da base aérea junto do aeroporto. Apesar disso, no sector da manutenção, os operários entram logo de manhã em greve geral, e recusam-se a abandonar o local de trabalho, mesmo quando alguns chefes de

TRABALHADORES DA TAP

oficinas, lhes dizem que se não querem trabalhar podem sair.

À hora do almoço, altura em que 3 turnos de trabalhadores se juntam, empregados de escritório e empregados da manutenção concentram-se junto do edifício da administração, onde existe também o refeitório, e os escritórios.

A concentração desenrolou-se num silêncio absoluto. Alguns chuis dispõem-se à volta das pessoas.

O administrador da TAP, comandante SCHULZ (irmão do general Arnaldo Schulz ex-governador geral da Guiné) quis falar com uma delegação de alguns trabalhadores.

Unânimemente os trabalhadores repudiaram esta tentativa de isolamento e atribuição de responsabilização a uns poucos deles, e recusaram-se a ir.

Logo, a polícia recebeu ordens de avançar.

Foram recebidos aos gritos de "fascistas" e "assassinos" pelos operários, que se defenderam da carga de matracas, à pedrada.

O barulho que se gerou fez vir às janelas dos edifícios aqueles que se encontravam a comer no refeitório ou a trabalhar no escritório.

Vivamente indignados pela brutalidade da cena que em baixo se desenrolava, aqueles que acorreram às janelas descarregaram sobre os assassinos tudo o que tinham à mão: cinzeiros, caixotes de papel, cadeiras, máquinas de escrever, etc.

À justa reacção dos trabalhadores ri

postou a policia, disp rando sobre a massa concentrada e para as janelas do refeitório e escritórios.

O tiroteio continuado fere vários operários. No chão ficam alguns trabalhadores, um dos quais, cravejado de balas, sangra abundantemente. Imediatamente os corpos são retirados pela policia.

Ficam estilhaçados pelas balas os vidros das janelas e um reactor é destruido.

Os trabalhadores dispersaram em vários grupos sendo perseguidos pela policia que continuava a disparar, refugiaram-se nos hangares e oficinas.

Aí, de instrumentos de trabalho na mão desafiam os "choques" virando contra eles extintores de neve carbónica e as bombas de alta pressão do óleo.

Vendo a determinação dos trabalhadores os policia (alguns dos quais já tinham sido feridos antes) não voltam a atacar.

Durante o resto deste dia, corre entre o pessoal da TAP, como certo, que um dos operários feridos, levado pela policia não se sabe para onde, está morto; diz-se ainda que dois outros estão gravemente feridos.

A partir de então o acesso ao aeroporto é interdito ao público.

Durante a tarde, foi total a paralisação do trabalho. As tentativas com illatórias do assassino Schulz, que pretende dialogar com o pessoal, são recebidas com o maior desprezo e desdém.

A administração tenta então pô-los a trabalhar chamando a policia de choque.

Perante a chegada desta, os trabalhadores ocupam o Boeing 747, e ameaçam destruí-lo caso a policia permanecesse e recusam-se a voltar ao trabalho.

A administração restou apenas mandar os policia embora.

Durante o dia de 69 feira os trabalhadores de encomendas a médio e a longo prazo e a totalidade dos operários fizeram greve total a que aderiram os empregados de escritório.

A policia controla as entradas e impede que as pessoas saiam dos seus locais de trabalho. Os engenheiros e a administração tentam a todo o custo fazer esquecer os graves acontecimentos de véspera, negando as mortes e incitando-os a voltar ao trabalho. Perante a reacção dos operários, um engenheiro deslocou-se com alguns trabalhadores a Sta. Maria, mas a enfermaria onde, presumivelmente, estava o ferido estava controlada pela policia que impedia qualquer visita. Reforçou-se assim entre os trabalhadores da TAP que o seu camarada estaria morto e a greve foi mantida sem furos.

O pessoal de voo, bagageiros, check-in (todos aqueles que trabalham na assistência imediata aos aviões) fizeram greve de zelo provocando uma total desorganização no Aeroporto: é do conhecimento geral os voos adiados e que alguns voos foram cancelados.

Durante Sábado e Domingo, os poucos trabalhadores (bagageiros, carregadores, etc.) que trabalham nestes dias decidiram pelo seu pequeno número e constante substituição, e pela apertada vigilância policial a que estão a ser submetidos, não fazer greve, preparando-se no entanto para a ela aderir logo que os trabalhadores entrem em pleno na segunda feira.

Entretanto, é convocada pela comissão sindical, que tem vindo a negociar com a administração o Acordo Colectivo uma reunião de todos os trabalhadores da TAP para o dia 19, quinta feira, às 21 h na Voz do Operário,

o bloqueio à informação

Mas, para a "divulgação" destes factos junto da população "muito contribuíram" as informações dos jornais, directamente controlados pelo governo; senão vejamos:

- no próprio dia, em que a policia atira a matar sobre uma concentração de trabalhadores da TAP, no Aeroporto, nada é divulgado por o governo não estar ainda a prever qual a amplitude imediata das repercussões;
- no dia seguinte, ao notar que as informações se estavam a divulgar numa maior escala que a prevista, faz com que no Diário de Lisboa saia uma notícia relativa a uma alteração da actividade normal do Aeroporto, devida única e exclusivamente ao mau tempo e a condições climatéricas, contra as quais nada pode fazer o "pacato cidadão";
- no Sábado, vê-se na necessidade de admitir que a policia interveio, mas porque os trabalhadores tinham assumido atitudes "provocatórias e violentas", tendo sido feridos 3 trabalhadores dos quais apenas um ficou internado no hospital de Santa Maria, mas sem gravidade, e 3 agentes da ordem;
- no domingo (15), após toda esta informação, aliás bastante esclarecedora, o governo faz sair uma nota oficial em todos os jornais, através do S.E.I.T. em que desmente peremptoriamente a

já divulgada morte de um trabalhador e reafirma que o único ferido existente na altura se encontra em estado satisfatório no hospital de Santa Maria.

Mas ainda para melhor esclarecimento da situação junto da população o governo impede a visita e mesmo a entrada no quarto o hospital a um engenheiro e vários trabalhadores da TAP, que, um dia após o massacre vinham inteirar-se do estado de saúde dum trabalhador ferido.

Com certeza, não é por acaso que o governo se empenha de tal forma em "esclarecer" o povo; tem razões e bastante fortes para o fazer:

- o governo reprime ferozmente toda a população que se insurge contra o sistema de exploração que uma minoria exerce sobre o povo português; mesmo quando os trabalhadores reivindicam aumentos de salários para poderem subsistir, ou protestam contra os despedimentos que os lançam na miséria, os patrões e o seu governo empregam toda uma série de meios, como sejam as invasões dos locais de trabalho pela policia, prisões, cargas policiais, para os reprimir; Tal foi o caso da fábrica da Abelheira, em que após o seu encerramento, lançou na miséria centenas de operários, provocando forte reacção por parte destes, o que levou a que fosse cercada pela GNR para impedir formas de luta e de protesto que eles pudessem levar para a frente.

Ainda que em menor escala, as lutas dos estudantes, quando se colocam ao serviço do povo trabalhador e entram em choque com os interesses do governo, são reprimidas violentamente.

Nós não esqueceremos nunca as prisões, as suspensões, as incorporações, nem o assassinio do nosso camarada Ribeiro Santos.

Devido ao aumento progressivo das lutas dos trabalhadores, contra a exploração de que são vítimas, o governo não sabe que tem toda a conveniência em manter o isolamento e uma separação entre os trabalhadores e em não divulgar as informações relativas às lutas travadas por eles, junto de to

do o povo, isto para impedir que, em num local os trabalhadores estão em luta, recebam o apoio efectivo do resto da população; levá-los, portanto a um isolamento que permita à repressão actuar muito mais à vontade.

Mas nem só o governo e o conselho de administração tomaram posições contra os interesses dos trabalhadores.

Também toda uma série de chefes de oficina e engenheiros tiveram um papel activo na actual ofensiva repressiva, colocando-se claramente ao lado dos patrões exploradores e do governo.

É significativa a actuação desempenhada por eles que, depois de incitarem os trabalhadores ao trabalho e vendo a sua firme recusa, aconselharam-nos a irem-se embora, se não quisessem trabalhar, para tentar travar a todo o custo a justa indignação contra as medidas governamentais.

Durante sexta feira, quando os trabalhadores se encontravam em greve total, era necessário reparar um avião para que pudesse levantar voo, um engenheiro, depois de tentar a todo o custo persuadir os trabalhadores a furar a justa greve, vendo que não consegue, decide ir ele mesmo, reparar o avião, no que é impedido pelos trabalhadores que lhe fecham as portas do hangar na cara.

ROMPAMOS ESSE BLOQUEIO

Os estudantes que, através das suas lutas se têm vindo a aperceber cada vez mais dos objectivos da actual Universidade, da preparação de técnicos e cientistas que servem apenas para continuar e aperfeiçoar o sistema de exploração do povo português, que acham que a Universidade deve servir os interesses do Povo, e não os dos patrões devem apoiar activamente as lutas dos trabalhadores, divulgar por todos os meios ao seu alcance as informações acerca delas, contribuir portanto para contrariar as intensões do governo que tenta a todo o custo esconder os tiroteios, as prisões, os assassinios, que poderá estar até a preparar-se para ocultar a data do funeral.

DIVULGUEMOS OS CRIMES DO GOVERNO ASSASSINO, MOBILIZEMO-NOS PARA A INFORMAÇÃO OBTENDO-A JUNTO DOS TRABALHADORES E DIVULGANDO-A.

CONTRA A CENSURA FASCISTA

ROMPAMOS O BLOQUEIO DO GOVERNO À INFORMAÇÃO DAS JUSTAS LUTAS DOS TRABALHADORES